

Contexto histórico e diferenças culturais sob a perspectiva da obra *A terra do fogo*

Vanessa Micheli Faraom ZANESCO¹

Resumo

O desígnio desse trabalho é refletir sobre o contexto histórico e as diferenças culturais entre colonizadores e colonizados, e a imposição de valores e costumes de um ao outro. Para isso, será analisada a obra *A terra do fogo* de Sylvia Aparraguirre, que por meio da sua narrativa relata aspectos da colonização na América Latina, assim como a cultura de povos distintos. Ela desmistifica a história oficial de alguns acontecimentos que ocorreram no século XIX, muitos destes, em sua maioria escritos sob a ótica dos ingleses. Como embasamento teórico se utilizará reflexões de Bellei, Fanon e Mignolo que apresentam teorias sobre o contexto da obra trabalhada nesse artigo.

Palavras-chave: Contexto histórico. Diferenças culturais. *A terra do fogo*.

Resumen

El designio de ese trabajo es reflejar sobre el contexto histórico y las diferencias culturales entre colonizadores y colonizados, y la imposición de valores y costumbres de un al otro. Para eso, será analizada la obra *A terra do fogo* de Sylvia Aparraguirre, que por medio de la suya narrativa relata aspectos de la colonización en la América Latina, así como la cultura de pueblos distintos. Ella desmitifica la historia oficial de algunos acontecimientos que ocurrieron en el siglo XIX, muchos de estos, en suya mayoría escritos bajo la óptica de los ingleses. Como embasamiento teórico se utilizará reflexiones de Bellei, Fanon y Mignolo que presentan teorías sobre el contexto de la obra trabajada en ese artículo.

Palabras-clave: Contexto histórico. Diferencias culturales. *A terra do fogo*.

Introdução

A terra do Fogo, obra de Sylvia Iparraguirre desmistifica a história oficial de alguns acontecimentos que ocorreram no século XIX, muitos destes, em sua maioria foram escritos pela perspectiva dos ingleses. A viagem realizada por quatro nativos da terra do fogo à Inglaterra, em um barco comandado pelo capitão Fitz Roy, já foi narrado

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *campus* de Cascavel. E-mail: vanessafaraom@hotmail.com

anteriormente por outros escritores. Entre 1826 e 1836 foram realizadas duas importantes expedições inglesas de estudos hidrográficos na região mais meridional do continente americano. Era de vital importância desbravar essas costas desoladas e longínquas e as vias marítimas, pois convinha contar com um porto de abastecimento para os navios, em suas viagens de ida e volta à rede de colônias inglesas espalhadas pelo mundo.

Por meio da narrativa, a autora reelabora esse texto histórico a partir de um outro olhar, que faz com que essa troca de perspectiva textual permita efetuar uma inversão que pode desfamiliarizar, deixando o formalismo da novela histórica original. Essa distância de outros textos já escritos acontece principalmente pelo fato do narrador da história, Guevara, ser mestiço.

Inicialmente três índios são capturados, o que de certo modo, não era uma novidade, pois desde Cristóvão Colombo tornara-se um hábito dos europeus transportar indígenas. O que chama atenção no caso de Fitz Roy é o cuidado para com os cativos. Apesar disso, entende-se melhor a captura de aborígenes como parte de uma ampla coleção “natural” que incluía de plantas e animais a seres humanos.

Embora a Terra do Fogo oferecesse poucos atrativos e Fitz Roy a considerasse inadequada para o uso do homem civilizado, ele parecia estar convencido da necessidade do aprendizado mútuo das línguas para empregar informantes locais, descobrir a existência de minerais e educar os selvagens.

Juntou-se também aos capturados, Jammy Button, o qual falava um dialeto diferente dos demais, não conseguindo comunicar-se com os outros. Guevara, o narrador, reconhece na história de James Button, um objetivo de registrar a história, pois sua forma de estar no mundo é completada com a visão de Button. Entretanto, sabe que há visões distintas entre os ingleses, a de Button, e a dele:

Minha vida me pertence e só a mim diz respeito, e isso é tão certo que ninguém parece notar minha existência. Quais são então os fatos dos quais participei e que o transcurso dos anos torna dignos de ser contados? A expedição do Capitão destinada a reconhecer e fazer o levantamento das costas da Patagônia no ano de 1829. Como o senhor sabe, não era esse seu único objetivo. Há dois modos de ver essa empresa, em meu modesto entender; uma, a do processo civilizador, domínio dos homens que fazem a história. Nesse caso, o fim justifica os meios, já que se trata de levar a luz da ilustração a terras e seres

mergulhados na escuridão. O fim é nobre; em consequência, os meios podem não o ser. (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 29)

Nessa história três variantes são utilizadas: a possibilidade de que na novela escrita por Iparraguirre esse passado tenha sido inventado; a mistura com ficção; a recriação a partir de certa documentação histórica a partir de acontecimentos relatados. Pode-se ainda dizer que há nela uma mescla de viagens e aventuras, historicidade e biografia.

O texto, de forma geral, emerge com um relevo histórico e estético que luta com a história oficial sem ter uma versão definitiva. O narrador é consciente de que ele mesmo se encontra prejudicado por um espaço concebido e que tudo se mistura: o subjetivo e o objetivo, o abstrato e o concreto, o real e o imaginário, o conhecido e o desconhecido.

A viagem, o contexto histórico e as diferenças culturais

Até a Inglaterra a travessia foi lenta e o comandante aproveitou o tempo disponível para tentar conversar com os cativos. Procurava saber sobre tudo, inclusive da prática do canibalismo, indignidade que aparece em um relato, não se tratando de uma experiência pessoal. Mas, já neste período de convivência forçada no barco, três deles – Fuegia Basket, Boat Memory e Jemmy Button – foram perdendo, para o comandante do Beagle, a ideia de que eram selvagens. Este processo de humanização enfrentava um inimigo declarado na resistência passiva de York Minster aos costumes civilizados; esse índio, conseqüentemente, revelava-se como um exemplo desagradável da natureza humana em seu estado selvagem. Era compreensível essa resistência de York Minster, pois ele completara 26 anos e era o mais velho do grupo. Havia sido capturado em Christmas Sound e servido como intérprete e guia, sendo obrigado posteriormente a uma travessia pelos mares. Boat Memory tinha 20 anos; Jemmy Button, entre 12 e 14; a menina Fuegia Basket, uns 9 anos.

Tudo indica que Fitz Roy ocupou-se pessoalmente do bem estar dos capturados, aos quais chamava de seus protegidos. Prometeu-lhes que se tratava de uma viagem de ida e volta, portanto regressariam à sua terra. É uma promessa que pesara na consciência do comandante, a ponto de se dispor a gastar parte de seu dinheiro para levá-la a cabo.

Explorar a região da Terra do Fogo foi uma das tarefas centrais da segunda expedição inglesa à região meridional do continente americano, entre dezembro de 1831 e outubro de 1836. Comandada por Fitz Roy e realizada no veleiro *Beagle*, contava com excelentes instrumentos de medição, fundamentais para as observações náuticas, além de uma carta do presidente da República do Chile, Joaquin Pietro, solicitando todo o apoio possível ao navio de Sua Majestade Britânica por tratar-se de um empreendimento proveitoso para a navegação, para o comércio e para a ciência.

Mesmo dando continuidade, sobretudo, aos estudos hidrográficos, os ingleses, desta vez, detiveram-se na dimensão religiosa e no conhecimento científico da terra. Entre os 74 tripulantes estava o catequista Richard Matthews, representante da Church Missionary Society e o único voluntário que aceitara embarcar para aprender o idioma dos fueguinos e ensinar-lhes os fundamentos da religião cristã. Seguramente não tinha mais do que 25 anos; por esta razão consideravam-no demasiado jovem para a tarefa assumida, embora reconhecessem sua dedicação. Desembarcado em Wulaia, na região habitada pelos índios yamana e acompanhado por Jemmy Button, pouco tempo depois abandona o projeto evangelizador, temendo por sua vida, sem alcançar nenhum resultado positivo.

Durante a primeira expedição, Fitz Roy havia lamentado a ausência de uma pessoa com conhecimentos em geologia para examinar a natureza das rochas. Esta foi uma das funções delegadas ao jovem naturalista inglês de 22 anos, Charles Darwin, nessa segunda expedição. A navegação proporcionou a Darwin um fascinante laboratório de pesquisa, conforme revelou em sua autobiografia. O livro *The Voyage of the Beagle*, mistura de diário pessoal e documento científico, foi um dos resultados dessa expedição de cinco anos.

As pesquisas, coleções e desenhos de Darwin mostram o entusiasmo deste jovem naturalista que nunca se recuperaria de uma doença possivelmente contraída na América do Sul. Diferentemente de seus companheiros, que se detinham nos estudos hidrográficos, Darwin permanecia longos períodos em terra. De fato, uma das condições para participar da expedição era que pudesse deixar o barco quando considerasse conveniente. O ato de coletar e a ciência aparecem intimamente associados no século XIX, de forma muito diferente da que ocorria no século XVI, quando muitos objetos e amostras constituíam-se em fonte de mera curiosidade pelo exótico.

Ao chegar à Baía de Buen Suceso, na Terra do Fogo, em meados de dezembro de 1832, o missionário Richard Matthews reagiu com calma diante da visão dos primeiros selvagens que conhecia na sua vida, alegando que não eram piores do que havia imaginado. Contudo, convinha educá-los, assinalou outro tripulante, o Sr. Hamond, ao lamentar que pessoas que gozavam de tão boa saúde fossem abandonadas em tal estado de barbárie. O comandante Fitz Roy estava totalmente de acordo com tal afirmação, tendo em vista que, agora, pretendia devolver três fueguinos à sua terra natal para, com isso, exibir os benefícios da civilização.

Para Mignolo “La colonización del ser consiste nada menos, que em generar la idea de que ciertos pueblos no forman parte de la historia, de que no son seres.” (MIGNOLO, 2005, p. 30). As comparações já não se limitam à oposição civilização-barbárie, nem sequer à confrontação entre os próprios grupos fueguinos, mas, passam a considerar o estado selvagem dos nativos em relação ao dos cativos transculturados: o antes e o depois da viagem à Inglaterra de Jemmy Button, York Minster e Fuegia Basket. A aparência dos Tekeenica, habitantes do sudeste da Terra do Fogo, por exemplo, era, de acordo com Fitz Roy, extremamente desagradável para as pessoas civilizadas, principalmente porque eram indivíduos de baixa estatura, corpo desproporcional, cabelo negro sujo e áspero, o que acentuava uma expressão indigna, caracterizando as diferenças entre eles. Nos cativos, ao contrário, a forma da boca refinara-se, graças aos novos hábitos e à educação europeia, conforme as palavras do voluntarioso comandante. Nesses primeiros contatos as diferenças começam a aparecer, pois

A cultura constitui assim um sistema semiótico que, ao mesmo tempo que retém o poder modelador de gerar uma gama de objetos culturais reais ou possíveis extremamente vasta e abrangente, caracteriza-se também pela capacidade de excluir e declarar como não-existentes aquelas práticas que se mostram inúteis ou desinteressadas. Como se sugeriu acima, culturas periféricas, condenadas a sobreviver em uma dimensão de fronteira entre dominantes e dominados, acabam por produzir práticas culturais de mediação. (BELLEI, 2000, p. 150)

Uma diferença básica entre os ingleses e os fueguinos era a prática do canibalismo. Fitz Roy dedica numerosas páginas ao canibalismo, que considera fato comprovado, ainda que se trate sempre de relatos, nunca de experiências pessoais. O

testemunho dos cativos confirma que os fueguinos comiam carne humana em ocasiões específicas, como em casos de vingança, ou de escassez generalizada de alimentos. O comandante aponta, inclusive, a divisão gastronômica: as mulheres comiam os braços e o peito; os homens devoravam as pernas; o torso era lançado ao mar. Em épocas de muita fome nem as mulheres mais velhas se salvavam: eram perseguidas, asfixiadas, esquartejadas e comidas. Quem confirma ao comandante a veracidade de tais relatos é um menino de onze anos da tribo Chonos que serve de guia aos ingleses e diz ter presenciado tais sacrifícios.

Os fueguinos tinham sido transportados à Inglaterra com o objetivo declarado de serem educados na cultura inglesa. Isto incluía, entre outras coisas, o aprendizado do inglês, dos civilizados costumes oitocentistas dos europeus, do cristianismo e do uso de ferramentas. Logo se percebeu a dificuldade de levar a cabo o projeto: imitar os gestos dos navegadores ingleses era mais fácil do que aprender seu idioma. Boat Memory, o mais adaptado dos fueguinos e, por conseguinte, o preferido de Fitz Roy, apesar de todas as vacinas, morreu de varíola, o que fez com que o comandante se sentisse diretamente culpado. Os três restantes foram enviados a um colégio nos arredores de Londres, tendo sido, no momento oportuno, apresentados ao Rei e à Rainha da Inglaterra. Neste intercâmbio entre a civilização e a selvageria domesticada manifestam-se elementos da sociedade do espetáculo que, em breve, resultará na exibição de fueguinos em zoológicos humanos:

Sobre aqueles estranhos foi baixando uma nuvem de desgosto. Haviam saído nos jornais, haviam-nos enchido de presentes, mas isso não modificava em essência as coisas: eles se haviam transformado em seres incômodos, sobre os quais começava a evidenciar-se a insinuação de uma ideia opressiva que ia envenenando desde o Capitão até o último habitante do reino que soubesse da existência deles: que faziam ali havia já um ano? Qual era o propósito de havê-los trazido? A sociedade londrina começava a interessar-se cada vez menos pelos estranhos habitantes selvagens não se sabia bem de onde, a não ser que era um lugar inóspito e deixado na mão de Deus, onde a fúria dos elementos só podia atrair as abnegadas almas dos missionários. (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 128)

Por outro lado, eles eram bem tratados, alimentados e vestidos, pois deveriam retornar à sua terra para divulgar as supostas vantagens da civilização inglesa. É evidente que a nobre intenção de Fitz Roy de devolvê-los à sua terra natal estava

relacionada à necessidade de estabelecer pontos de contato entre os ingleses e os aborígenes da Terra do Fogo, simplificando, com isso, a comunicação entre as culturas e as tarefas dos expedicionários. Aqui, faz-se necessário esclarecer que:

[...] a fronteira não é jamais simplesmente uma linha divisória, mas o lugar que marca sempre o desequilíbrio de poder e conhecimento entre o central e o periférico, o superior e o inferior. A fronteira é o lugar de uma (des)valorização no qual o elemento subordinado não pode deixar de sentir ao mesmo tempo o desconforto da angústia da influência e o embaraço do inevitável desejo de copiar e imitar. O momento da marcação da fronteira é sempre também o momento de um exercício de poder em que se encontram, de um lado, o europeu, o norte-americano, o civilizado, e, de outro, o brasileiro, o sul-americano, o subdesenvolvido. Concretizado tal exercício de poder valorativo, localiza-se de um lado da fronteira uma cultura confiante e autoafirmativa, de outro uma cultura insegura e de olhos voltados para o valor maior. (BELLEI, 2000, p. 150)

Tais diferenças de poder valorativo estão presentes em várias passagens da obra, exemplo disso ocorre quando os cativos chegaram a Wulaia carregados de presentes inúteis para a sua reinserção no contexto fueguino. De nada serviriam as taças de vinho, as bandejas de chá, as finas roupas de cama, o guarda-roupa de mogno, a não ser para desencadear a inveja e a pilhagem. York Minster rapidamente se apoderou de Fuegia Basket e Jemmy Button passou por situações constrangedoras, a julgar pelos relatos de Fitz Roy e de Darwin.

De acordo com Fitz Roy, Jemmy Button havia esquecido sua própria língua e York Minster passou a ser o intérprete, embora não falasse yamana. Apesar da presença desses mediadores culturais, os ingleses estabeleceram um espaço físico de neutralidade entre as culturas, contribuindo, com isso, para a desconfiança mútua. Poucas horas antes, Jemmy Button havia tomado conhecimento da morte de seu pai e, finalmente, reencontrava-se com sua mãe, duas irmãs e quatro irmãos que não via desde 1830 quando, ainda menino, desaparecera em um barco chegado de longe. A mudança em seu aspecto exterior era notável. De repente, aparecia vestido, mais gordo, já adolescente, sem falar fluentemente sua língua de origem e rodeado de pessoas estranhas:

Button, Fuegia e York pareciam animados com o regresso à sua terra e haviam abandonado a timidez. O inglês deles já era fluente e podiam comunicar-se sem dificuldade. E não só com a tripulação de toscos

homens do mar: o comportamento deles no Palácio Real fora elogiado pelos nobres. O público londrino e de todo o país se emocionara com a partida deles. A Inglaterra tinha uma missão, dissera a imprensa: evangelizar e educar. Não haviam chegado de todas as partes do reino presentes para aqueles fogueiros que a Grã-Bretanha acolhera e educara, e que agora devolvia à sua remota terra selvagem, para semear a civilização e propagar o idioma? E aqueles presentes – jogos de chá, de toalhas e guardanapos, facas, alfaias para Fuegia e seu lar com York Minster – não haviam demonstrado como estavam os ingleses compenetrados com suas colônias, não manifestavam o interesse fraterno do cidadão comum por aquelas pobres almas? Era o que dizia a imprensa. Quanto aos presentes, Fuegia foi a mais entusiasmada com eles, que, de qualquer modo, o Capitão mandou embalar e guardar na adega. Voltariam a vê-los no cabo Horn. (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 133-134)

Os ingleses aguardavam dos fueguinos o abraço emocionado entre a família, mas, para decepção geral, a mãe praticamente nem olhou para o filho pródigo, voltando à sua canoa para cuidar dos alimentos. Suas irmãs também se retiraram de imediato, enquanto os irmãos rodeavam-no, observando-o em silêncio. Para Fitz Roy, até os animais demonstravam mais animação e ansiedade ao se reencontrarem; Jemmy ficou muito aflito. Para aumentar sua confusão e decepção, não conseguia falar com seus irmãos, exceto algumas frases soltas nas quais predominava o inglês. Darwin confirma a informação do comandante, registrando que não houve demonstração de afeto.

A confusão indica que se trata de um novo momento na relação entre as culturas. São mudanças significativas: nunca antes um fueguino havia voltado à sua comunidade após um processo tão prolongado de adaptação na Europa.

A ambiguidade marca o sujeito da dupla consciência, que oscila entre dois mundos. Uma das primeiras ações do jovem, que acreditava em sonhos, foi vestir sua mãe e irmãos, agora parte da família Button. Nesta e em outras ações civilizadoras nota-se a posição ambígua de Jemmy como mediador cultural; devia mostrar serviço aos ingleses, entretanto, para seus parentes, não fica claro porquê. Não entendiam o motivo pelo qual servia andar vestido na Terra do Fogo, se a umidade da roupa adere ao corpo e é mais nociva à saúde do que o óleo de baleia e a pintura. Os objetos são desejados, mas não solicitados de modo amável, como convém a uma sociedade civilizada: são exigidos, roubados ou arrancados com ameaças.

O missionário Matthews não consegue permanecer entre esses os selvagens que, dia e noite, exigem a entrega de seus bens, “Yammerschooner” é a palavra mais

empregada pelos fueguinos nos encontros culturais. De acordo com Darwin, era muito fácil agradá-los, porém muito difícil satisfazê-los. Em coro repetiam “Yammerschooner”. Jemmy se desculpa com FitzRoy: “Meu povo muito mau; grandes tolos; sabem absolutamente nada, completamente idiotas” (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 152), confirmando a avaliação do comandante de que os yamana eram semelhantes aos piores índios.

Jemmy Button havia se reintegrado a uma existência comunitária, na qual tinha seu lugar. Embora não se tenha certeza de que a experiência europeia tenha lhe proporcionado algum prestígio extra entre os fueguinos, esse índio yamana seria, até a sua morte, uma referência para os ingleses.

Fitz Roy estava consciente do fracasso de seu experimento com os fueguinos e se contenta com a possibilidade de algum pequeno benefício no futuro, como a ajuda a naufragos, por parte dos filhos de Jemmy Button. Em contrapartida, Darwin e Hamond consideram que o experimento foi um fracasso completo. Depois de 58 meses de viagem, 43 passados na América do Sul, o Beagle regressou à Inglaterra, em 2 de outubro de 1836, desta vez sem nenhum índio fueguino a bordo, completando, assim, uma das mais importantes viagens da história da navegação moderna.

A devolução de Jemmy Button, Fuegia Basket e York Minster a seu território confirma que a revelação geográfica da Terra do Fogo estava muito avançada, diferentemente da revelação humana, processo muito mais complexo do que Fitz Roy poderia imaginar. Por certo, a rápida ou lenta assimilação dos costumes ingleses pelos fueguinos, não foram suficientes, como sugere a negativa de Jemmy Button em voltar à Inglaterra. Em relação a isso:

Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor jamais habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação de valores. E, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores, neste sentido, é o mal absoluto. Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima, elemento deformador, que desfigura tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas. (FANON, 1968, p. 31)

Os fueguinos não precisavam de chefes nem de governo, para eles sentir-se em casa, podia significar uma praia coberta de cascalhos, ou uma extensão de areia com

rochas cobertas de mexilhões e focas descansando, ou, ainda, a canoa onde a família passava a metade do tempo com água potável, um ou dois cães, utensílios domésticos e de caça. Jemmy Button não havia esquecido totalmente sua língua nativa; os Yamana, por respeito, não deviam evocar ou falar sobre os mortos em público, tampouco expor suas emoções publicamente.

Em todo caso, Jemmy Button havia se tornado uma referência fundamental para os ingleses quando, em 1848, Allen Gardiner, comandante aposentado da Marinha Britânica e fundador da Patagonian Missionary Society, desembarcou na Ilha Picton com planos de evangelizar os indígenas. Com escassos recursos e sem apoio logístico, a primeira incursão de Gardiner pelos canais da Terra do Fogo foi um fracasso.

Três anos depois, em 1851, enquanto em Londres se celebrava a primeira Exposição Universal no Palácio de Cristal, Gardiner desembarcou novamente na inhospita ilha Picton com seis companheiros e com a esperança de encontrar Jemmy Button. Porém, o grupo esqueceu a munição a bordo do Ocean Queen, que seguiu viagem. Indefesos diante da hostilidade dos aborígenes, incapazes de caçar animais e sem conseguir o esperado contato com Jemmy Button, os missionários morreram de frio e de fome, nos arredores da Ilha Navarino.

Como o que se está buscando é um personagem, o encontro causa estranhamento. Quem se apresenta diante do comandante Snow como Jammes Button, não é o adolescente parcialmente educado na Inglaterra, mas, um adulto corpulento, selvagem e desgredado. Passados mais de vinte anos de seu regresso à Terra do Fogo, Jemmy Button ainda fala inglês e se reencontra com um mundo distante: imagens e nomes, palavras entrecortadas, gestos, rituais, roupas, comidas, sabores, odores. Jemmy é agora o personagem de uma história; existem, até mesmo, desenhos dele, quando jovem. A esposa do comandante lhe traz à memória a beleza das mulheres inglesas, tão diferentes das suas duas mulheres, nuas e de cor acobreada, que lhe deram três filhos. Agrada-lhe conversar com o comandante Snow, apesar da dificuldade com o idioma, e tem boas lembranças da Inglaterra; contudo, recusa-se terminantemente a ir-se, com sua família, para as Ilhas Malvinas.

As facas e outros objetos nunca satisfazem plenamente e Jemmy Button nada faz quando seus irmãos tentam arrancar as roupas do comandante Snow. Devido ao nervosismo ele ordena aos marujos que levantem âncora e anuncia a partida –

conseguindo que os fueguinos abandonem o barco imediatamente – o que indica que a situação, praticamente, estava fora de controle. Ninguém queria viajar no navio dos ingleses, mas a imagem da abundância dos objetos europeus já é responsável por conflitos culturais que tendem a agravar-se na Terra do Fogo.

A justificativa de Snow pelo seu insucesso na tentativa de transportar fueguinos às Ilhas Malvinas, foi argumentando que era necessário respeitar as suas vontades. De acordo com o comandante, Jemmy Button tinha experimentado as doçuras e os amargores da alta civilização, e havia rejeitado energicamente seu pedido para mudar-se para as Ilhas Malvinas. Por outro lado, ainda de acordo com Snow, não se devia transportar fueguinos para longe de seu entorno sem que, antes, tivessem aprendido a língua inglesa e adquirissem plena consciência do que significava a mudança de território e de costumes, pois “A necessidade de transformação existe em estado bruto, impetuoso e coativo, na consciência e na vida dos homens e mulheres colonizados.” (FANON, 1968, p. 26)

Considerações finais

O exemplo de Jemmy Button coloca-nos diante de um elemento constitutivo da modernidade: a ampla circulação de indivíduos, ideias e objetos. Devemos lembrar, no entanto, que os grupos humanos deslocam-se de modo desigual pelo mundo. Apesar de todas as restrições e tentativas de controlar as fronteiras, os polos migratórios converteram-se em espaços da tolerância.

Os intelectuais ocupam um lugar especial neste extenso e intenso deslocamento de pessoas pelo mundo. Os críticos têm se ocupado amplamente com a questão da “dupla consciência” e muito menos com o “duplo pertencimento”. Dificilmente o personagem do duplo pertencimento é um “cêntrico”, mas, um periférico que se adapta ao novo contexto mantendo um forte vínculo com sua terra natal, experimentando os limites da pertença igualitária a várias culturas. Assim como é discutível que se possa pertencer a mais de duas ou três culturas no decorrer de uma única vida.

A experiência de Guevara, construída desde a sua postura de narrador é também uma proposta que mediante a ficção, revisa os critérios que sustentam a história oficial. Se o motivo dos ingleses para levar os nativos a Europa se revela como algo imoral, a

viagem funciona como uma máquina de descentramento. A estadia em Londres e os problemas cometidos por Button faz desse personagem um herói. A terra do fogo questiona a suposta incapacidade dos nativos da América para exercer um pensamento epistemológico situado. As verdades têm deixado de ser universais e absolutas e tudo fica dentro do campo da linguagem, em relação com o lugar que ocupa quem narra e quem interpreta o narrado.

Referências

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros, índios e canibais**: ensaios da crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

IPARRAGUIRRE, Sylvia. **A terra do fogo**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de America Latina**. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa editorial, 2005.